



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DAS GRAÇAS SOUZA.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

**Monteiro/PB
2014**

MARIA DAS GRAÇAS DE SOUZA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em Parceria com a com Secretaria do Estado da Educação, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Ms. Grygena dos Santos Targino Rodrigues.

MONTEIRO

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725p Souza, Maria das Graças de
Preconceito linguístico [manuscrito] / Maria das Graças de
Souza. - 2014.
28 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.

"Orientação: Grygena dos Santos Targino Rodrigues,
Departamento de UFPB".

1. Variação Linguística. 2. Ensino. 3. Preconceito
Linguístico. I. Título.

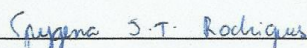
21. ed. CDD 306.44

MARIA DAS GRAÇAS DE SOUZA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em Parceria com a com Secretaria do Estado da Educação, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 14 / 1 / Junho / 2014.



Professora Ms. Grygena dos Santos Targino Rodrigues

UEPB

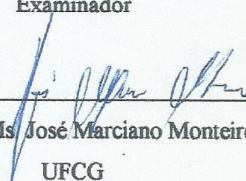
Orientadora



Professor Dr. José Joelson Pimentel de Almeida

UEPB

Examinador



Professor Ms. José Marciano Monteiro

UFCG

Examinador

Dedico este trabalho à minha família e, especialmente à minha mãe (memória póstuma), ao meu pai e ao meu único filho, Sávio.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Deus pela sabedoria, por iluminar minha mente a respeito do que fazer e escrever. Deus foi fiel, obrigada Senhor.

À minha família, em especial à minha mãe (memória póstuma) Maria José, que tanto me apoiou até onde Deus permitiu.

Ao meu filho, Sávio, que compreendeu minha ausência, quando necessitava de mim.

Às minhas queridas amigas do curso de Especialização, Carina, Simone, Ana Luíza, Ana Rita, Eliane, Gorete, Maria, Ronaldo, Raul, Eveline, que trilharam esse caminho junto a mim. Juntas vencemos esta etapa, nos apoiando e torcendo uma pelas outras com a certeza de que chegaríamos até aqui unidas e vencedoras. Na vida poucas coisas conseguimos fazer sem colaboração de amigos e eu fui abençoada com amigas e amigos, que são muito especiais para mim.

À minha orientadora, Grygena Targino, que muito contribuiu para a realização deste belo trabalho, sempre acreditando em mim e no que eu produzia.

À Universidade Estadual da Paraíba- UEPB.

A todos os professores que estiveram comigo durante o curso: Adeilson, Melânia, Marciano....

RESUMO

Neste trabalho, analisamos a temática do preconceito lingüístico, visando discussões acerca do papel do educador ao se deparar com as metodologias do ensino da gramática tradicional e das variações lingüísticas. Assim, buscamos refletir sobre respostas às algumas indagações correlacionadas à temática do preconceito lingüístico nos espaços urbanos. Quais são os limiars do ensino da língua portuguesa no Brasil? O que é “certo” e o que “errado, no ensino da gramática normativa ou das variações lingüísticas? Essas são umas das principais indagações dos professores de língua portuguesa. Neste trabalho, faremos uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, com o objetivo de encontrarmos respostas para as perguntas que convergem em torno das maiores dificuldades na prática pedagógica dos professores de língua portuguesa, bem como, de outros profissionais que necessitam do uso da língua oral e escrita. Utilizamos como referencial teórico Marcos Bagno(2007), PCN’s, entre outros.

PALAVRAS CHAVES: Preconceito Linguístico, Ensino Variação Linguística.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the theme of linguistic prejudice to discussions about the role of the educator to come across the traditional grammar teaching methodologies and linguistic variations. Thus, we seek to reflect on answers to some questions related to the subject of linguistic bias in urban spaces. What are the thresholds of the teaching of the Portuguese language in Brazil? What is "right" and "wrong, in the teaching of grammar rules or linguistic variations? These are some of the main questions of teachers of Portuguese language. In this work, we will make a qualitative research and bibliography, with the goal of finding answers to the questions that converge around the greater difficulties in pedagogical practice of the Portuguese language teachers, as well as other professionals who require the use of oral and written language. We use as theoretical Marcos Bagno (2007), NCP 's, among others.

KEYWORDS: Linguistic Prejudice. Educatio.Linguistic Variation.

SUMÁRIO

PÁGINA

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - A LÍNGUA PORTUGUESA FALADA NO BRASIL	12
1.1 Onde se fala melhor o português, no Brasil ou em Portugal?	14
1.2 Português, língua muito difícil.....	16
1.3 Intelectuais falam "certo" e pessoas sem instrução falam "errado".....	17
1.4 A gramática é imprescindível para falar e escrever bem?.....	18
CAPÍTULO 2- PRECONCEITO LINGUÍSTICO	20
2.1 Raízes do preconceito de linguagem.....	22
CAPÍTULO 3- PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E A GRAMÁTICA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

O presente estudo, objetiva fazer leituras sobre preconceitos e variações linguísticas correlacionadas ao ensino da língua portuguesa. Em pleno século XXI, os professores de língua portuguesa ainda enfrentam desafios ao se depararem com determinados questionamentos a respeito do que é “certo” e “errado” no ensino da gramática normativa e no ensino das variações linguísticas.

Os gramáticos dedicam-se ao ensino das regras da língua culta, normativa, porém os linguísticos dedicam-se, entre outros fatores, ao ensino dos câmbios e das variações da língua padrão. Bagno (2007), afirma que a criança desde seus quatro a cinco anos de idade já dominam a língua materna.

De acordo com Aldo Bizzoch, (2013), matemos a identidade da lusofonia, embora estrangeiros já estudem variante brasileira como uma língua em separado. Das línguas que têm expressão escrita (uma minoria, apenas 4% do total), há desde aquelas em que praticamente se fala corrente e a escrita formal é tão grande que é quase como se fossem dos idiomas distintos.

Este parece ser o caso do português brasileiro. Tanto que os mais conservadores do idioma, deploram o fato de que o brasileiro não saber falar português (considerando-se, é claro, que “português”, nesse caso é padrão culto). Nesta concepção, há dois idiomas: Um falado seguindo regras gramaticais e outro que os modernistas de 1922, chamavam de língua brasileira.

Não há como o negar, em primeiro lugar, que as diferenças entre as variedades brasileiras e lusitanas são bem maiores que as do inglês britânico e americano. Ademais, a distinção entre as modalidades oral informal e escrita formal é maior no Brasil do que em outros países.

Para entender essas diferenças é necessário entender e compreender que o nosso país Brasil é dividido em cinco regiões e que estas apresentam variações na linguagem e na escrita. É notório que o domínio da língua culta no Brasil ainda é considerado privilégio de alguns. Em meio a essa heterogeneidade, os gramáticos dedicam-se às regras da língua culta, sem levar em consideração os aspectos referentes a linguagem oral.

Enquanto isso, o português popular segue vida própria e nós, professores de língua portuguesa, devemos dar importância e ênfase a oralidade dos alunos para que possamos construir a escrita dentro do padrão “culto” gramatical sem que se evidencie a concepção

normativa de “certo” e “errado”. Não podemos “podar” os conhecimentos prévios que os alunos trazem dos seus convívios e sim contextualizá-los para ajudar na sua formação contínua.

Baseado em todos esses fatos, faremos uma análise relacionada ao ensino de Língua Portuguesa, para refletirmos se realmente estamos ensinando ou apenas transferindo conhecimentos gramaticais elaborados, bem como desenvolver ações pedagógicas, que possibilitem os alunos entenderem o que é certo e o que é errado de acordo com o uso da linguagem falada e escrita. No primeiro capítulo abordaremos os questionamentos a respeito da língua Portuguesa falada no Brasil; dando continuidade será abordado as dúvidas: Onde se fala melhor o português, no Brasil ou em Portugal?; e também focaremos a necessidade de analisarmos como a gramática é imprescindível para falar e escrever bem? No segundo capítulo teremos oportunidade de entendermos o porquê do preconceito lingüístico e para encerramos no terceiro capítulo. Intitulado Professores de língua Portuguesa e a gramática mostraremos que a gramática deve ser um instrumento que serve para ensinar a língua escrita considerada pela sociedade a norma culta.

Logo, conhecer as opiniões dos lingüistas e gramáticos com relação ao que é “certo” e “errado” no português brasileiro, abordando as causas e conseqüências dos preconceitos lingüísticos referentes ao português brasileiro e identificar o que os gramáticos consideram “certo” e “errado”, desmistificando o mito que o brasileiro não sabe português, porá tanto entender a necessidade de uma análise da linguagem brasileira, são indagações que permeiam o desenvolvimento dessa obra.

CAPÍTULO 1 - A LÍNGUA PORTUGUESA FALADA NO BRASIL

Falar e escrever bem significa, além de conhecer ao padrão formal da Língua Portuguesa, saber adequar o uso da linguagem ao contexto discursivo.

Um exemplo. Um trecho de José Veiga, intitulado: Quem não se comunica... nos mostra a inadequação da linguagem usada no contexto onde os sujeitos de conversa estão inseridos: “ Um gramático famoso, no Rio de Janeiro nos anos 1920, professor de Pedro II, inimigos dos galicismos dos pronomes mal colocados e da linguagem descuidada. Falava empolado e exigia correção de linguagem até em casa com a família. Uma vez esse gramático (...) foi passar férias em um hotel -fazenda de Teresópolis. Lá um dia decidiu dar um passeio a cavalo pelos terrenos da fazenda. Por segurança ia acompanhado de um cavaleiro montando um burrico.. Pelas tantas, o cavalo do gramático disparou. O cavaleiro foi atrás em seu burrico gritando: Doutor, puxe a rédia! Doutor, puxe a rédia!

Nada aconteceu, até que o cavalo jogou o gramático numa moita de urtiga. Finalmente o cavaleiro o alcançou levantou-o e ajudou-o a se livrar de uns espinhos que se grudaram nele. Doutor, por que o senhor não puxou a redia?- O gramático foi senhor de si; perguntou: E o que é puxar a rédia?- “é fazer isso. ó, e fez o gesto explicativo”. “- Ah! Dissesses sofreia o corcel, eu teria entendido”.

Com base no exemplo de Veiga citado, podemos usar quantas situação de inadequação na linguagem existem, principalmente no que se refere as diferentes classes sociais, nas diferentes profissões, nos diferentes contextos e mesmo assim surgem os preconceitos, esses é que precisam serem analisados e estudados.

As diversidades que temos é por causa da grande extensão territorial do país- que gera várias regiões bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas de muito preconceito.

Com isso, temos a má distribuição de renda em todo o mundo que resulta numa grande injustiça social. São essas as causas que justificam a divisão de classes sociais no país formando assim o grande abismo linguísticos entre os falantes das variedades padrão – que são a minoria e não-padrão -que são a maioria do português brasileiro.

Como diz Bagno: “Como a educação ainda é privilégio de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta”. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra,

sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua.

É preciso, portanto entender que os falantes da suposta linguagem padrão que têm acesso a uma gramática que contém as regras de uso de linguagem “certa” sem “erros”. Como referência ideal para falar e escrever bem o português em seus discursos e mensagens não são compreendidos pela maioria que desconhecem tais regras que numa gramática impostas para aquele que fazem uso da língua padrão.

Como diz Maurízio Gnerre, em seu livro *Linguagem, escrita e poder*: “a Constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender”. As discriminações sociais, portanto, começa já no texto da Constituição. É claro que Gnerre não está querendo dizer que a constituição deveria ser escrita em língua não-padrão, mas que todo brasileiro entendesse de forma clara o que está escrito. muitas vezes os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços e que Têm direito, simplesmente por não compreenderem, a linguagem empregada pelos órgãos públicos.

Um estudo bastante revelador dessa situação foi empreendido por Stella Maris Bortoni- Ricardo na periferia de Brasília e publicado no(pag.17) artigo “ Problemas de comunicação interdialeto”.Diante do que descobriu, a autora pode afirmar:

A ideia de que somos um país privilegiado, pois do ponto de vista linguístico tudo nos une e nada nos separa, parece-me, contudo ser apenas mais um dos grandes mitos arraigados em nossa cultura. Um mito por sinal, de consequências danosas, pois na medida em que não se reconhecem os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua, nada se faz também para resolvê-lo. (BORTONI, Ricardo, apud BAGNO, 2007, p.17)

Tudo é bonito, perfeito quando se lê o que está nas leis que são redigidas pela minoria dos falantes do português brasileiro, porém quando vistas as consequências que a maioria dos falantes do português brasileiro sofrem por não compreenderem o que lhes é de direito, resta-nos saber a importância que é fazer um estudo baseado nos problemas de comunicação daqueles que sofrem o preconceito linguísticos com relação às diferentes variedades da língua.

Então é preciso que a escola e todos as demais instituições voltadas para a educação e a cultura não vejam o “português como uma língua homogênea, porque é necessário reconhecimento da verdadeira diversidade linguística do nosso país. Como podemos sentir

que esta diversidade linguística já é reconhecida pelas instituições oficiais encarregadas de planejar a educação no Brasil.

Assim, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicado pelo Ministério da Educação e do disposto em 1998, podemos ler que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando em uma unidade que se constitui de muitas variedades. (...) A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, p.29, 1998)

1.1 ONDE SE FALA MELHOR O PORTUGUÊS, NO BRASIL OU EM PORTUGAL?

Essa indagação habitual, corriqueira e comum é prova da inferioridade que temos desde que éramos dependentes de Portugal até os dias atuais. Podemos dizer que indagação como estas existem outras como o Português do Brasil é certo ou errado? E quando procuramos respostas encontramos que o Brasil é subdesenvolvido porque seu povo é resultante de mistura, isto é, a população brasileira não é “pura”- mistura de raça negra, indígenas- inferior à do branco europeu, por isso tem a concepção de que brasileiro, sabe português, só em Portugal se fala bem português, esse é um verdadeiro “preconceito”.

De acordo com Bagno (2007): assim uma raça que não é “pura”, não podia falar uma língua pura. Os falantes do suposto Português “culto” sempre estão criticando a fala daqueles que não tiveram e nem tem acesso a gramática tão desenformados, uma língua-idioma- a normativa que direciona para o qual é “certo e “errado,

Com certeza, esses que se dizem intelectuais e chamam os demais de “matutos”, “analfabetos”, ainda estão desinformados uma língua-idioma- sofre transformações com o passar dos tempos, bem como a oralidade do ser independente de regras, porque desde quando ele balbucia as primeiras palavras da língua materna, esta irá sendo aperfeiçoada de acordo com o desenvolvimento do ser em seu contexto. No entanto, posturas preconceituosas precisam ser abolidas, principalmente pelos professores de língua portuguesa que diante dos outros, sempre são considerados os que falam português bem, essa é mais uma concepção de

que muitos não conhecem que o falar bem ou não está ligado a fatores linguísticos que desconhecemos.

Vejamos o seguinte trecho do filólogo Cândido de Figueiredo (pg.21)

Quanto mais progressiva é a civilização de um povo, mais sujeita é a sua língua a deturpações e vícios, sob a variada influência das relações internacionais, dos novos inventos, das travancas da ignorância, e até dos caprichos da moda.(...) sábios e romancistas, poetas e prosadores, e nomeadamente a imprensa periódica, parece haverem conspirado para dar curso às mais extraordinária invenções e incertos de linguagem. (FIGUEIREDO, 1929 /1930).

Assim, podemos dizer que brasileiro não fala Português bem, porque ler pouco. Segundo Niskier" nosso índice percapita torna de oito mal alcança dois livros por habitantes; na França, por exemplo, oscila em torno de oito. Isso comprova que nós, brasileiros, não temos o hábito da leitura que nos leva a conhecer o mundo.

Diante de tamanha diferença do índice per capita entre Brasil e França que valoriza mais a leitura a NV estabelece também a diferença de posições no quadro IDH (índice de Desenvolvimento Humano); para avaliar a qualidade de vida em 175 países do mundo, então a França ocupa a 11ª posição e o Brasil que em 1996 ocupava a 58ª posição, caiu, em 1999, para a 79ª, devido a piora das condições sociais dos brasileiros.

É mesmo espantoso, um índice per capita de dois livros por ano num país com 60 milhões de analfabetos plenos e funcionais que corresponde a população total da França. Todavia, esses índices não justificam que o português falado no Brasil é "errado" e só o Português falado em Portugal é "certo", porque, o brasileiro sabe seu português, o português do Brasil que é a língua materna de todos, os que nascem e vivem aqui enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois mais certo ou mais errado.

Segundo Bagno (2007), no que diz respeito ao ensino do Português no Brasil, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais de cento e setenta anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma para a norma linguística de Portugal.

Ele quis dizer o que é considerado certo pelos portugueses são as regras usadas lá, que tem o funcionamento para a língua falada lá, ou seja, não precisamos copiar as regras da gramática de Portugal porque nós já temos gramática no Brasil.

1.2 PORTUGUÊS, LÍNGUA MUITO DIFÍCIL

Essa afirmação é puro preconceito, precisamos enquanto professores de língua portuguesa e instituições de educação acabar com isso, caso contrário iremos ter o que já temos colegas professores e outros profissionais sentindo-se incapaz de falar ou escrever para nós. O ensino de língua portuguesa de nossas escolas sempre se baseou nas regras da gramática de Portugal, enquanto isso o que aprendemos não corresponde à língua que falamos e escrevemos no Brasil.

Segundo Bagno (2007): No dia em que nosso ensino de Português se concentra no uso real, vivo e verdadeiro da língua do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem. (...) Todo falante nativo de uma língua, sabe essa língua. Bagno quis dizer que nenhuma pessoa nativa num país desconhece sua língua, ou seja não sabe falar seu idioma, e é claro que ela não conhece as sutilezas, as regras exigidas para se escrever um texto com coesão e coerência, mas mesmo assim sabiam identificar na comunicação os gêneros dos seres, o número por exemplo, nenhuma pessoa brasileira, mesmo não tendo ido à escola não diz: "uma mulher é bonita", já uma pessoa de outro país começando a falar português mistura bastante gêneros- troca feminino por masculino e vice-versa, isso tudo explica o preconceito linguístico existente no nosso país, os "intelectuais" da norma culta escrevem eles mesmos, como se fossem eles os donos da língua portuguesa. Então, se eles dominam a norma padrão regida pelas regras da gramática normativa, deveriam entender e compreender que a língua não é só escrita mas também falada e o que a maioria dos brasileiros não conhecem as regras de língua portuguesa para falar bem não conseguem se comunicar com outras pessoas, isto é, têm habilidade de expressão, inclusive muitos entendidos do assunto, já aceitam que o importante é o entendimento da comunicação.

O professor Sírio Possenti, em seu excelente livro Por que(não) ensinar gramática na escola, classifica a regência "assistir a" como um arcaísmo, uma forma sintática que já caiu em desuso, mas continua sendo cobrada injustificadamente pelo ensino tradicionalista, que se recusa a admitir a extinção desse e de muitos outros dinossauros linguísticos.

O professor Sírio Possenti, deixa claro que precisa-se entender que toda língua passa por evolução transformações, e a língua portuguesa não é, no entanto, a gramática brasileira não acompanhou nenhuma transformação mesmo suas edições mais novas ainda trazem as normas regras e as mesmas irregularidades, por exemplo, a colocação do pronome oblíquo no verbo- resolver-se-iam essa forma de falar é considerada arcaísmo mas está lá. Portanto,

as afirmações continuam propagadas pelos inteligentes e cultos: "português é muito difícil" e "ninguém sabe português".

1.3 INTELLECTUAIS FALAM "CERTO" E PESSOAS SEM INSTRUÇÃO FALAM "ERRADO"

Essa afirmação comprova o preconceito linguístico brasileiro. Pois fica assim dividida a língua portuguesa certa, aquela catalogada nas gramáticas normativas e nos dicionários que precisam de inovação; a Língua Portuguesa errada, aquela falada por pessoas que são consideradas analfabetas, mas uma vez, esquecemos que o Brasil é um país dividido em regiões e essas apresentam suas diversidades que as identificam como os regionalismo, variação linguística, vista por muitos que se dizem intelectuais da língua portuguesa brasileira errada, isto comprova e justifica que das regras da norma culta a maioria conhecedores das regras da norma culta desconhecem os significados dos vocábulos fora do seu contexto.

No nosso país, as pessoas que não frequentam escolas são desprestigiadas e marginalizadas pela sociedade e sofrem bastante preconceito social ao emitirem as palavras, porque elas desconhecem o fenômeno linguístico da língua, ou seja, nenhuma língua é falada e escrita igualmente, para isso existe uma parte da gramática chamada fonologia que ensina e mostra a importância de saber distinguir “som” e “símbolo”, todavia mesmo aquelas pessoas que frequentam a escola têm dificuldades, imagine aquelas que não frequentam!

De acordo com Bagno (2007): As pessoas que dizem *Cráudia*, *praça*, *pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada e marginalizada, que não têm acesso à educação formal e aos valores culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo que cria uma imagem, para fazer sucesso tudo é válido. No entanto, os próprios intelectuais, escritores, da novela, conhecedores da norma culta não sabem distinguir e respeitar os valores da região do país que os mesmos fazem parte e que ao desprestigiarem a fala do nordestino estão desprestigiando seu próprio idioma.

Faltam fundamentos científicos para aqueles que determinam que tal lugar fala o idioma melhor do que o outro.

Bagno diz: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local, que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta”, que a outra.

Toda variedade linguística atende as necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Preconceitos que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.

Entendemos então que o “feio”, o “pobre”, o “carente”, não é a língua mas a pessoa que fala, porque o que está em jogo é o preconceito social e político. Aproveitamos tudo isso para falarmos do preconceito linguístico atribuído a região nordeste, para isso, muitas vezes, foi colocado autor ou atriz em novelas para desempenharem o papel de pessoas nordestinas, na verdade, a oralidade que eles passam para o público não existe no nordeste, porém, diante de uma mídia que também propaga preconceito, media o que quer.

A falta de familiaridade com o idioma que estudam ou usam, produzem observações linguísticas ou termos sem sentidos, logo o “erro” não está apenas nas pessoas sem instruções mas também naquelas que supostamente falam a norma culta, norma padrão do idioma.

1.4 A GRAMÁTICA É IMPRESCINDÍVEL PARA FALAR E ESCREVER BEM?

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil considera a gramática como principal instrumento fundamental de uso dos professores de Língua Portuguesa. “A gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto de língua”, isso está citado no início da gramática de Cipro e Infante.

Infelizmente, os professores de Língua Portuguesa, têm uma tendência de querer obrigar o aluno a pronunciar do jeito que escreve, como se fosse a única maneira “certa” de falar português. Na verdade, a gramática dita regras para se escrever corretamente, porém, sabemos que não podemos anular o fenômeno da variação da língua, ou seja, a língua não pode ser considerada apenas a língua escrita porque nós precisamos usar a língua falada também na comunicação.

De acordo com Bagno (2007): Essa supervalorização da língua escrita combinadas com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo. É claro que é necessário ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso, desprezando e reprovando como “erradas” as pronúncias naturais dos seres. É mais prático e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer Jusé ou José, porém que só pode escrever José, porque a ortografia é única para todo idioma para que todos possam ler e compreender o que está escrito, todavia a oralidade não é única, por isso não pode ser ensinada por ser particular e não “errada”.

A relação complicada entre a língua falada e a escrita precisa ser profundamente reexaminada no ensino. Os gramáticos se dedicaram e se dedicam à língua escrita, como se esta apenas fosse válida para o entendimento da comunicação, porém desde o começo do século XX, com o nascimento da ciência linguística, que a língua falada passou a ser um objeto de estudo científico. A língua falada é natural, que é aprendida como contato familiar e comunidade, nos primeiros dias de vida nós já emitimos a língua falada, como instrumento básico de sobrevivência, o grito, o choro, esses sons mostra a eficácia na compreensão da mensagem, com isso comprovamos que a língua falada não precisa da gramática porém, não pode ser desprestigiada.

Gramática (arte de escrever bem), o objetivo da gramática é ensinar as regras de escrever bem, todavia, não podemos aceitar a língua escrita como fenômeno único, pois, os fenômenos da língua oral são importantes na ocorrência das mudanças e variações que conseqüentemente vão transformando a língua.

Afinal, é preciso saber gramática para falar e escrever bem? Não, justificamos esta indagação ao sabermos que os gramáticos não são escritores e vice-versa, como também o falar bem independe da gramática, é comprovado isto porque existem muitas pessoas que se expressam na oralidade muito bem e não conhecem as regras gramaticais. Segundo Bagno (2007): Os escritores são os primeiros a dizer que gramática não é com eles! Ruben Braga, indiscutivelmente um dos grandes de nossa literatura, escreveu uma crônica delicioso a esse respeito chamada “nascer no Cairo”, ser fêmea do Cupim. Carlos Drummond de Andrade (preciso de adjetivos para qualificá-lo?), no poema ” Aula de Português’ , também dá testemunho de sua perturbação diante do “mistério” das figuras de gramática, “esquipáticas”, que compõem “ o amazonas de minha ignorância e “por não ter entendido nada”? Esse e outros casos são citados por Celso Pedro Luft em Língua e liberdade (pg.23-25). E esse mesmo autor nos diz (p.27), um ensino gramatical abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera a versão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo.

Portanto, conhecer as regras gramaticais, dominar a norma culta não significa dizer que alguém é capaz e merecedor de uma ascensão social. Principalmente no Brasil, onde professores de português e outros profissionais da educação de português que mereciam tal ascensão, não são vistos nem valorizados como tais, enquanto aqueles que estão no “topo” que fazem e ditam as leis, que só eles sabem interpretá-la, esses sim, são considerados cultos, porque dominam o objetivo que eles mesmo querem alcançar.

CAPÍTULO 2- PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

De acordo com Bagno (2009, p.76), no livro “A norma culta: Língua é Poder na sociedade brasileira”. Ele evidencia os problemas recorrentes no Brasil do preconceito linguístico enraizados em muitos de nossos cidadãos, principalmente da elite nacional, pois é dela que surgem as duas direções do preconceito: um é de “dentro da elite para fora”, enquanto o outro é “de dentro da elite para ao redor de si mesmo”.

Esses problemas de preconceitos linguístico, no Brasil já se tornou cultural. Para a sociedade, quem fala correto está na classe alta, ou seja, isso é o que é prescrito entre eles mesmos, porém a realidade é outra.

Bagno comenta que as relações entre língua e poder, mostra que são idéias preconceituosas, pois isso não deve ser levada em consideração, pelo menos para aqueles que conhecem a real história do Brasil e sua realidade sociolingüística. Ele também critica a gramática, segundo ele, elas estão descontextualizadas, pois optam pela literatura como modelo de língua culta e discrimina as outras variedades linguísticas do povo brasileiro. O preconceito linguístico é muito mais um preconceito social, já que a língua é parte constitutiva da identidade do indivíduo porém também social de cada indivíduo.

As histórias da língua e das sociedades nos revela que para haver mudanças nos conceitos de língua “certa” e língua “errada” é preciso que também haja, ao mesmo tempo, uma grande e radical transformação das relações sociais.

O preconceito linguístico, vem sendo alimentado diariamente pelas mídias sociais, que pretendem repassar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro nos instrumentos tradicionais de ensino da língua, ou seja a gramática normativa e os livros didáticos.

Marcos Bagno diz que a língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.

A língua portuguesa não vai nem bem, nem mal. Ela simplesmente, segue seu caminho transformando-se. O ensino das regras para se falar uma linguagem culta é importante porém não se pode desprezar, desprestigiar a linguagem daqueles que não conhecem ou mesmo não se preocupam com tais regras, pois a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos, bem como, ela nos identifica no nosso meio.

O preconceito linguístico se dá mais em relação a pessoas das zonas rurais, às pessoas mais pobres, e aos diferentes sotaques apresentados nas diferentes regiões do Brasil.

A mídia e os meios de comunicação (televisão, rádio, Jornal, internet), tem bastante poder para combater o preconceito lingüístico, porém, o reforçam fazendo críticas e ironizando as variedades lingüísticas no país. Pelo fato da maior parte da mídia se concentrar no sul e no sudeste, consideradas regiões que falam “correto”, ficando claro a ênfase dada ao preconceito lingüístico com relação ao sotaque nordestino e construa a linguagem das pessoas do interior.

Enfim, o preconceito é uma atitude sem justificativa, por isso gera discriminação.

Infelizmente, Preconceito Linguístico, já se tornou algo cultural para o brasileiro, conforme ouvimos muitos falarem: “não sabem português” que “Português é muito difícil” ou que a língua falada aqui é “toda errado”.

Embora já se sejam reconhecidos as mudanças na mentalidade das pessoas, os preconceitos continuam impregnados, fazendo parte do modo de ser estar no mundo.

É lamentável que assim, hoje com influência dos meios de comunicação e dos recursos da informática- uso de várias ferramentas digitais- poderiam ser de grande importância na distinção do “escrever” e “falar” bem como do “certo” e do “errado”, mas tudo continua acreditando que o ensino de língua portuguesa “certo”, é aquele que o preconceito lingüístico existe porque os lingüísticos acreditam que um país que e tem várias culturas, classes sociais diferentes não pode falar igual, pois a oralidade- língua falada ,, é espontânea, não existem regras que ensinam a língua falada a nenhum ser, a forma de se expressar é natural, o que é necessário para minimizar os preconceitos lingüísticos as pessoas entenderem e compreenderem que a aceitabilidade da língua é necessária para a adequação do mesmo, ou seja, devemos ouvir as pessoas sem apontarmos “erros” da linguagem escrita, por que esta considerada culta e formal é sempre mostrada como exemplo “ certo” então o ensino tradicional em vez de incentivar o uso das habilidades lingüísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário, poda a espontaneidade da fala na comunicação com atitudes corretivas que só são necessárias na linguagem escrita. Por isso, muitos alunos na escola têm receio de falar a língua materna. O português- e escrevê-lo por que o professor de Português sempre está destacando a “erros” e nunca fazendo-os aprender o que é “certo”. De acordo com Bagno (2007): “ o problema certamente está no modo como se ensina português e naquilo que é ensinado sob o rótulo de “língua portuguesa”, pois sabemos que ler e escrever não fazem parte da cultura das classes alfabetizadas.

Portanto, o maior problema que percebemos não é o português brasileiro é a ignorância do que é “certo” e do que é “errado”, sempre estamos lendo sobre notícias que

propagam o índice de analfabetos, mas que espécie de analfabeto? Acreditamos que o maior índice seja o de “analfabetos letrados” Istoé, aqueles supostos falantes da língua portuguesa culta, porém desconhecedores em fazer distinção ente ortografia e a pronúncia dos vocábulos, então só sabem apontar e critica o “errado”.

2.1 RAÍZES DO PRECONCEITO DE LINGUAGEM

De acordo com Bizzocchi (2013): Discriminação por motivo étnicos, raciais, religiosos, sociais e até lingüísticos parece uma chaga longe de ser superada. A explicação para esse comportamento pode estar em nossa biologia. Estudos conduzidos de maneira independente em diversas universidades, uns com viés biológicos, outros com foco psicológico ou social apontam que a rejeição que sentimos pelo diferente pode ter sido moldada por milênio de evolução da espécie humana.

Para a bióloga Marta Fischer de Pontíficia Universidade Católica do Paraná o preconceito é algo natural.- è um estímulo discriminatório essencial manutenção do grupo. Pode ser entendido como algo genético e vital para a evolução do grupo. Pode ser entendido como algo genético e vital para a evolução das espécies.]

Então, entende-se que o homem sendo um ser gregário gosta de criar vínculos sociais, pensando nas semelhantes características, porém , esse pensamento transcendente a espécie humana, já que este sempre enxergando o que é diferente no outro, para poder, muitas vezes, incluir no grupo ou rejeitar. Por isso, que se pode afirmar que o preconceito seja ele qual for é um instinto biológico. Segundo Bagno (2007), o preconceito lingüístico encobre na verdade, nas formas mais profundas da discriminação. O indivíduo cuja fala revela origem rural é identificado com trocas como pobreza, ignorância, alienação, falta de polidez, de bom gosto, bom senso, cidadania, com ISS traça-se o perfil do comportamento dos seres humanos verdadeiro ou equivocado, porque está sendo visto a pronúncia e a gramática do que ele está falando e ninguém ver a personalidade e a educação desse ser. Então, o preconceito lingüístico se torna preconceito social, étnico, religioso ou racial.

Com relação ao preconceito lingüístico, este tem duas vertentes: uma de índole grupal e chauvinista, isto é, são modos que se traz de família, do meio de convivência; e outra social, ligada a dinâmica da vida numa sociedade estratificada, que impõe modos para serem respeitados, porém, esquecem de que a identidade do ser humano mesmo no processo de construção, tem resquícios hereditários, isto é explicado quando é preciso sair de uma região para outra, daí observamos que querendo ou não, determinadas palavras mudam a ortografia,

porém com o mesmo significado, no entanto, se queremos fazer parte daquele grupo temos que aceitar e aprimorar o vocabulário ali usado. Portanto, não é como ações educativas que se erradica o preconceito lingüístico, pode-e reduzir porque as causas são biológicas.

Segundo Viaro (2009, p. 16), o preconceito lingüístico explica a contradição entre orgulho que temos do idioma e a aversão a palavras estrangeiras: “É a língua mais rica de todas”, porque “ no Brasil há pessoas de todos os lugares do mundo”. Este patriotismo é exagerado e ingênuo, ou seja, é errôneo, porque o Brasil não é o único que abriga pessoas de outros países, existem vários países com imigrantes. Na verdade, o Brasil recebeu muitos imigrantes, contudo são raras as regiões que preservam algum dialeto vivo. A língua portuguesa ainda é a única falada por todos.

Com a globalização, tem-se o contexto direto e eficiente com a cultura e não com a lingüística: hoje nas cidades consideradas maiores nos seus restaurantes, têm sushi no cardápio, algo que não acontecia a vinte anos. Portanto, da mesma forma que se pronuncia sushi, que é um vocábulo japonês, existem outros já introduzidos no nosso país através da TV, intercâmbios, jornais, revistas e mesmo no contato direto que possibilita a necessidade de aprendermos alguns léxicos. Enfim, não existe, nunca existiu língua pura, a língua é dinâmica, viva daí as transformações.

CAPÍTULO 3- PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E A GRAMÁTICA

Enquanto as gramáticas não sejam revisadas para o uso concreto ensino da língua portuguesa, é necessário que os professores mudem de atitude, ou seja, saibam separar o ideal do real. É um desafio para todos os professores de língua portuguesa. No entanto, se isto não acontece, o ensino de língua portuguesa vai permanecer o mesmo, ensinando regras, definições, conceitos, exceções e nunca deixando claro para o aluno a importância da pronúncia da língua materna, que é aprendida e vivenciada no meio familiar de toda a comunidade.

Os professores devem mostrar em suas aulas que as gramáticas são instrumentos que servem para ensinar a língua escrita considerada pela sociedade a norma culta, como se um país fosse obrigado a falar de um única maneira, por isso temos o preconceito linguístico.

Por isso, há necessidade de compreendermos que a gramática precisa ser atualizada, porque a língua é viva, dinâmica, vive em transformação:

Não há razão para que o professor de gramática seja dispensado de formação científica que se exige de um professor de biologia ou psicologia. (...) é definitivamente necessário começar a conceber a gramática como uma disciplina viva, em revisão e elaboração constante. (PERINI, p.16/17 ,1996)

A gramática normativa é a codificação dos falantes da norma culta dos escolarizados. Sendo assim, fica claro que só existem “erros” na linguagem dos não escolarizados.

Usar a língua, tanto na modalidade escrita como na oral, é necessário saber o quê? a quem? para quem? onde ? Pois esses são os pontos que irão definir em termos de língua o que é válido para que haja a comunicação. Muitas pessoas dizem que na linguagem tudo vale. Não é bem assim, devemos levar em consideração a adequação e a aceitação., por exemplo: O palestrante ao proferir uma palestra, ele tem a obrigação de conhecer o seu público para que se dirija usando um vocabulário claro, objetivo e concreto, caso contrário não haverá entendimento do assunto.

De acordo com os PCNs (Pâmetros Curriculares Nacionais) do Ensino Médio: O estudo gramatical aparece nos planos curriculares de Português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do ensino médio dominem a nomenclatura. Estaria a falha nos alunos? Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramática lida é o grande problema

da gramática ensinada pela escola? O que devem ser um exercício de falar/escrever/ ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível.

Para entendermos melhor o que os PCNs dizem é necessário que professores de Língua Portuguesa e especialistas em gramáticas usem metodologias específicas para que os alunos entendam e compreendam que a gramática se preocupa com o escrever correto, porém, é preciso esses mostrarem aos alunos numa língua tanto falada como escrita exige normas e o melhor exercício é ler bastante, já que nós brasileiros não temos esse hábito.

Segundo os PCNs:

Construir a organização dos Currículos de língua portuguesa na escola, estabelecendo com clareza a tarefa que cabe a cada professor no interior da série em função das finalidades do ensino, não é tarefa de um único educador. Daí a importância das condições que a escola, proporciona para o trabalho do professor e da construção coletiva do projeto educativo. (PCNs Língua Portuguesa,1998. P.67)

Os PCNs afirmam que o processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa, no Ensino médio, deve pressupor uma visão sobre o que é linguagem verbal. Ela se caracteriza como construção humana e histórica de um sistema linguístico e comunicativo em determinados contextos. Assim na gênese da linguagem verbal estão presentes o homem, seus sistemas simbólicos e comunicativos, em um mundo sociocultural.

O aluno deve ser considerado como um produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. Isso chamamos de interação na linguagem, se o professor aceita as produções textuais no contexto, vivenciado pelo aluno, esse irá se interessar melhor por outros textos nos livros didáticos e nas gramáticas. A interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo sobre Preconceito lingüístico, podemos observar que as principais causas e consequências de determinados preconceitos da língua portuguesa é resultado de que nós, professores de Língua Portuguesa precisamos entender e compreender que a língua por ser dinâmica e viva, vive em transformação. Além disso, refletimos sobre veemente necessidade em se dar maior atenção ao que os gramáticos consideram “certo” e “errado” com relação à língua brasileira.

O estudo da percepção nas relações aluno/professor pode favorecer para desmistificar os mitos de que “português é difícil” e de que “brasileiro não sabe português”. Não se trata aqui de um assunto qualquer e sim de um idioma que é a principal identidade do ser, que ao ser analisada nas diferentes regiões que o Brasil é dividido, o que para muitos caracteriza a região ou mesmo capital que fala melhor a língua portuguesa ou também determina o “certo” e “errado”.

Portanto, o ensino de Língua Portuguesa, deve ser repensado em suas práticas pedagógicas, levando em consideração as habilidades dos alunos com relação a língua materna, sem esquecer que são dotados de potencialidades para absorver o que a gramática normativa rege para a linguagem escrita.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola: O que é, como se faz, 2ª Ed. São Paulo Loyola, (1999).
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso- Por uma pedagogia de variação lingüística, São Paulo. Parábola, Editoria. (2007)
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FIGUEREDO, Cândido. O que senão deve dizer volume I, 5ª edição, Lisboa. Livraria Clássica Editora (1929,1903)
- GUINERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder, São Paulo, Martins Fonte. (1985)
- LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Porto Alegre, L&PM, 1985.
- PERINI, Mário A. Gramática Descritiva, do Português. 2ª Ed. São Paulo Ática. P.16-17. (1996)
- POSSENTI, Sírio. Por que não ensinar gramática na escola. Campinas mercado de letras. (1997)
- VIARO, Mário Eduardo. A linguística de Grimm. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Segmento, set. 2009.